



Está envolvido ainda na concepção do próximo longa de Meliande, sua parceira em “A Alegria”, exibido na Quinzena de Cannes de 2010.



Bragança hoje produz o primeiro longa de Leonardo Martinelli, “Fantasma Neon”, em referência ao curta que deu a esse diretor o troféu de Locarno, na Suíça, em 2021

Denilson Baniwa Estúdio



Em seus sonhos, ela se comunica com uma floresta e se conecta a segredos de um mundo que atravessa mudanças radicais

Denilson Baniwa Estúdio



Cena do filme “Floresta o Fim do Mundo”

Denilson Baniwa Estúdio



No curta, Suely, uma mulher indígena que vive em uma grande cidade brasileira, passa seus dias em um pequeno apartamento

“Meu trabalho com o Felipe é profundamente colaborativo. Não existe uma hierarquia rígida; existe escuta, troca e risco compartilhado

DENILSON BANIWA

De que maneira as duas imersões no universo indígena abrem novas hipóteses estéticas para o cinema que você busca desde “A Fuga da Mulher Gorila”?

Felipe M. Bragança: Acho que meu caminho no cinema sempre passou por um mergulho em identidades transitórias brasileiras, fronteiras e encruzilhadas culturais. Das andanças das jovens de “Mulher Gorila” até hoje, acho que há algo em comum que é a ideia de personagens e lugares que se constroem entre dois ou mais mundos, duas ou mais camadas de realidades. E tentam, nesse lugar

transitório, encontrar suas vivacidades e suas vozes, mesmo que múltiplas. Essas duas (serão mais?) imersões em imaginários indígenas contemporâneos são também uma forma de me conectar com transitoriedades imagéticas, culturais e espirituais que também me formam e formaram meu olhar, desde minhas origens familiares até às novas escutas contemporâneas que vozes como a de Denilson Baniwa proporcionam.

Seu cinema sempre esteve atento à geografia urbana ao teu redor, de mata ou de concreto.

De que maneira a ideia de “cidade” cruza a saga de Suely em “Floresta do Fim do Mundo”?

Felipe M. Bragança: Penso sempre as personagens e seus espaços, seus lugares, a partir dos elementos de pertencimento e de não-pertencimento que os cruzam, tentando encontrar as pulsões se enraizamento e de deriva que estão sempre em embate dentro deles e delas. Aqui, Suely é uma mulher que literalmente vive dois mundos, duas camadas de mundo, ao mesmo tempo, simultaneamente. O pertencimento e o não-pertencimento andam juntos

em cada passo que Suely dá.

O que seria o “fim do mundo” nesse exercício e o quanto Denilson Baniwa serve de baliza para essas fronteiras?

Felipe M. Bragança: A ideia do filme surgiu de um sonho que Denilson me contou em uma conversa de bar e da filosofia do italiano Emanuele Coccia. Dessas conversas e das leituras de “A Vida das Plantas”, mergulhamos nessa jornada de uma mulher que é ao mesmo tempo a protetora de nosso tempo e o arauto da destruição, que é ao mesmo tempo entidade e gesto cotidiano, ação e espera, raiva e doçura, pensando a ideia de uma revolução vegetal, de uma revolta das plantas, diante das dores do mundo. Como imaginar uma revolução que não seja protagonizada por bichos (incluindo o bicho humano)?

Sua obra audiovisual se fez notar na vitória na mostra Aurora, em Tiradentes, em 2009, e ganhou mundo via Locarno, da Quinzena de Cannes e de Roterdã. No périplo global do teu cinema, Berlim tem lugar de honra, pela recorrência. O que a Berlinale te abriu de conexões?

Felipe M. Bragança: De todos os festivais de cinema do mundo em que estive, a Berlinale talvez seja onde me sinto mais em casa, talvez por já ser minha quinta participação como diretor por lá. Além disso, morei em Berlim por dois anos, entre 2013 e 2015, a convite do DAAD, para uma residência de criação artística de onde saíram dois roteiros de longa: “Não Devore Meu Coração” (2017) e “Um Animal Amarelo” (2020). A Berlinale (ainda mais em sua seção Forum Expanded) é um lugar que tem me dado espaço para mostrar minhas pesquisas estéticas e temáticas mais arriscadas, meus estudos de cinema mais profundos.

Seus filmes - sobretudo a partir do longa coletivo de 2011, “Desassossego” - reagem a um certo marasmo do cinema ao se pensar como linguagem e como narrativa. O que você vê de mais forte no cinema brasileiro hoje? Qual foi o último filme nacional que te deixou sem ar?

Felipe M. Bragança: Quando fizemos “Desassossego”, um filme coletivo com 18 diretoras e diretores, minha ideia, com Marina Meliande, era a de bater firme no chão com a ideia de que havia um forte e novo cinema contemporâneo brasileiro e que não poderíamos ser eternos viúvos do Cinema Novo. O filme estreou em Roterdã e nos ajudou naquele momento a dar voz a esse sentimento. Hoje, 15 anos depois, acredito que não seja mais essa a questão: é incontornável que o cinema contemporâneo brasileiro existe e é reconhecido internacionalmente. Talvez hoje o cerne da questão seja voltar a discutir profundamente as linguagens cinematográficas que estamos buscando construir e de que modos elas se conectam com o nosso tempo. Nesse sentido, o filme brasileiro recente que mais admirei foi “Cidade, Campo” da Juliana Rojas. Sou completamente fã do cinema da Juliana.

Em que pé anda o teu Macunaíma?

Felipe M. Bragança: “Makunaima XXI”, como o chamamos, foi parcialmente filmado em junho de 2025. Estamos agora preparando uma segunda etapa de filmagens que inclui algumas viagens pelo Norte do Brasil e filmagens em estúdio no Rio de Janeiro. O filme terá também uma longa etapa de pós-produção entre Brasil e França, então podemos imaginar que ele venha ao mundo em algum momento de 2027.